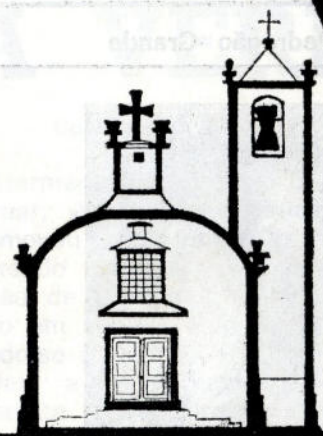


Ex-mo Sr.
Cipriano Bernardo da Silva
Coelho Pedro Gonçalves



DA VOZ DA GRAÇA

BOLETIM DA FAMÍLIA PAROQUIAL DA GRAÇA (3270 Pedrógão Grande)

Depósito legal n.º 236/82

MENSÁRIO — (AVENÇA)

ANO XXIII N.º 256
Janeiro de 1984

Director e Editor:
Aníbal Henriques Coelho

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial da Graça

Composição e impressão:
Gráfica Almondina — Torres Novas

Preços: série de 12 números, 200\$00 para o Continente; e 400\$00 para o Estrangeiro; avulso, 20\$00



PORTE
PAGO

AS INVASÕES FRANCESAS VOLTA AO MUNDO

(I)

Napoleão invadiu Portugal por três vezes. Na terceira invasão entrou por Almeida, atingiu Celorico e Viseu, em 10 de Setembro de 1810; Tondela, a 25, em direcção ao Buçaco, onde estiveram a 27 e 28 e onde se travou a grande batalha que lhes causou, a eles franceses, uns quatro mil feridos e dois mil e quinhentos mortos.

O historiador Fortunato de Almeida refere assim as barbaridades perpetradas pelos soldados franceses:

«Na freguesia de Figueiró dos Vinhos esburgaram a carne dos ossos a um velho, desde a barba até ao peito, e a outro sangraram-no como se fosse um porco.

Na freguesia de Assafarfe foram assassinados dois eclesiásticos de mais de oitenta anos.

No Rego da Murta mataram um velho a golpes de machado.

Em Pombal penduraram um paisano numa árvore e queimaram-no a fogo lento.

Na freguesia da Vacariça rasgaram a boca por um e outro lado a uma velha de oitenta anos, até que o queixo inferior lhe poisava sobre o peito. A outra de 85

anos e cega mataram-na às cutiladas.

Na freguesia de Santiago da Guarda queimaram duas mulheres vivas, e enforcaram dois homens à vista das mulheres e dos filhos.

Continua na pág. 4

A VERDADE SOBRE O "25 DE ABRIL"

(Continuação)

NA DÉCADA DE 70

a) As três internacionais: Carlos Camposa, no prefácio do seu opúsculo «Salaazar respondeu a Afonso Costa», tem esta curiosa observação de que o «25 de Abril» foi a sinistra obra de três internacionais: — a

vermelha (comunista e socialista); a capitalista ou doirada (América do Norte e plutocracia do Norte da Europa, em especial da Holanda e da Suécia); e a negra (clerical progressista), lembrando a propósito a acção dos «padres brancos» em Moçambique e de outros, as calúnias do P. Hastings, etc.

b) Em 1973, o Acordo de Paris: Se bem que ainda sem revelação de todos os pormenores, têm surgido referências concretas ao «Acordo de Paris» firmado em Maio de 1973, entre o PC e o PS. Perante a crescente dificuldade de vencer

Continua na pág. 3

NOVO CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO

Entrou em vigor no dia 27 de Novembro de 1983.

1. Comunhão (Cânone 217) — Pode-se comungar em todas as missas a que se assistir: duas, três, quatro ou mesmo mais vezes num dia. Quem está preparado. Convém ter presente que o que nos santifica é a devoção sólida, o amor, e não o número de vezes em que se recebe o Senhor.

2. Lâmpada do Santíssimo (Cânone 940) — Diante do

sacrário deve estar constantemente acesa uma lâmpada especial. Pode ser eléctrica, de azeite, óleo ou de cera.

IMACULADA CONCEIÇÃO

Portugal foi o primeiro país do mundo a reconhecer Maria Imaculada.

Em Outubro de 1320, D. Raimundo, Bispo de Coim-

bra, instituiu a festa da Imaculada Conceição.

Em 1646, a Rei D. João IV jura «confessar e defender, até dar a vida sendo necessário, que a Virgem Senhora Mãe de Deus foi concebida sem pecado original.»

Só em 8 de Dezembro de 1854, Pio IX declara Nossa Senhora «preservada de toda a mancha de pecado.»

«O dia da Immaculada Conceição de N. S.ª he de guarda, por hum decreto da Sagrada Congregação, de 1710» — anunciou aos párocos o Bispo-Conde António de Vasconcelos e Sousa,



São Manuel

Festeja-se no dia 26 de Março. Nasceu na cidade de Ctesifonte, na Pérsia.

O rei Sapor II moveu uma terrível perseguição contra os cristãos. Só daqueles cujos nomes se conheciam foram mortos uns dezasseis mil.

O seu sucessor, o rei Bal-

tano, foi amigo dos cristãos, fazendo-se também cristão. Recebeu no seu palácio o jovem Manuel e os seus dois irmãos, Sabel e Ismael. Encantado com a pureza dos seus costumes, saber e prudência, confiou-lhes uma

Continua na pág. 4

Boas-Festas



NATAL FELIZ e ANO NOVO PRÓSPERO é o que «Voz da Graça» sinceramente deseja a todos os seus assinantes, colaboradores e benfeitores.

Volta ao Mundo

Continuação da pág. 1

RÚSSIA — Durante o ano, os soviéticos perdem 40 milhões de horas nas bichas para a compra de bens de consumo.

COIMBRA — Mário Soares visitou Coimbra. Devido ao descontentamento provocado pelo imposto retroactivo, a pagar no mês de Dezembro, um grupo de quatro indivíduos vaiou e ofendeu publicamente o primeiro-ministro. A polícia prendeu e levou para a esquadra os provocadores. No tribunal foram absolvidos, por força do novo Código Penal. Depois Mário Soares comentou a decisão do magistrado afirmando que «ficámos a saber que esse juiz não se importa que lhe chamem gatuno».

Parece que o juiz processou Mário Soares pelo seu comentário infeliz.

LARANJEIRO — Nove assaltantes roubaram na R. N. dez mil contos que se destinavam ao pagamento de salários.

AMÉRICA — Há 10 anos um indivíduo foi condenado à morte. Foi agora executado. Não valeu o pedido de João Paulo II, no sentido de lhe ser comutada a pena. O Governador da Florida rejeitou esse pedido de clemência.

HAVANA — O lindo templo católico de São Paulo, nesta cidade,

de, foi transformado em escritório pelo Governo Comunista. Uma igreja violada.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Na Universidade de Coimbra, concluiu com brilhantismo, no dia 19 de Outubro, o seu curso de Engenharia Civil o Sr. Rui Manuel de Almeida e Silva, filho do nosso amigo e assinante Sr. Vasco da Conceição Silva.

INGLATERRA — Porque a sogra lhe estragara o casamento, o genro Barry Shields, de 36 anos, embateu com a traseira do camião diversas vezes contra a casa dela, deixando-a quase demolida, com prejuízos de 2 244 contos.

SERTÁ — No dia 15 de Setembro de 1983, completou cem anos de idade o Sr. P.º António Lourenço Farinha, missionário, funcionário público e escritor, natural do Mosteiro de Santiago, Sertá.

Em 1930, publicou a monografia «Sertá e seu Concelho». A C. M. mandou fazer 2.ª edição da dita monografia, no total de 600 exemplares, e dar o nome do Padre António Lourenço Farinha a uma rua da vila da Sertá, no Bairro do Pinhal.

Em Lisboa, onde reside o ilustre e centenário sacerdote, foi-lhe prestada uma justa homenagem no dia dos seus 100 anos.

Está a sair brevemente da tipografia um livro da sua autoria sobre a vida e obra do bondoso Padre Américo, de Coimbra.

BOUÇA — No dia 7 de Novembro, desabou uma barreira de 7 metros de altura. Ficaram soterrados por 16 metros cúbicos de terra os dois trabalhadores, José Antunes Baptista, de 55 anos, solteiro, natural de Arega, e Cláudio Alberto Alves Laranja, de 25 anos, solteiro, de Silveiras, Fundão.

A causa desta derrocada terá sido a infiltração da água das chuvas que caíra nos dias anteriores.

CONTRA O ABORTO

Oh mãe, ouve a voz de um filho
Qua não nasce.

Oh mãe abortadeira

Mãe assassina

Mãe que não ouves os vagidos

Do filho que matastes.

Ouve a voz do filho que quer
nascer.

Mãe não me mates!

Como tu tenho de viver

Deixa-me nascer

Deixa-me conhecer-te e amar-te.

Deixa-me estender-te os meus

bracinhos

E diz-me: Obrigado, Mãezinha

Por me teres deixado NASCER.

TRINDADE

AS NOSSAS VISITAS

Visitaram esta Redacção os Srs.: Gabriel Conceição do Carmo, Carvalheira; José Alves Henriques Eiras, Pinheiro Bolim; D. Mercedes do Carmo Graça, Adeiga; Silvino da Conceição Simões, França; Adrião Lopes Graça, Altardo; Vítor Manuel Conceição Santos, Colmeal; D. Isilda Carvalho da Conceição Henriques, Lisboa; Manuel de Jesus Antunes, Casal da Francisca; Laura Rosa Nunes, Marinha; e António Antunes, Cerna-che de Bonjardim. Agradecemos.

COLÓMBIA — Quando o Presidente da República ia a sair da Universidade Católica, dois homens e uma mulher seguraram-no e meteram-no à força num carro e fugiram com ele para destino desconhecido.

ANGRA DO HEROISMO — O régulo Gungunhana, senhor das terras de Gaza, Moçambique, foi aprisionado em Chaimite pelo intrépido Mouzinho de Albuquerque, em 28 de Dezembro de 1895. Traído para Lisboa, veio a morrer no Castelo de Angra do Heroísmo, Açores, a 23 de Dezembro de 1906.

Levantados de uma campa de um dos cemitérios de Angra e remetidos para Lisboa nas vésperas da visita de Samora Machel a Portugal, para serem depositados nas mãos do presidente moçambicano, o caso é que este não os quis receber (nem ele nem qualquer dos membros da respectiva comitiva). Alegou-se que a caixa funerária com os restos mortais do régulo vátua estaria bem longe de poder impressionar convincentemente os patriotas. «Eles, lá em Maputo, não acreditariam!», terá dito Samora Machel. Sempre acontece cada uma!

PEDRÓGÃO GRANDE — Rectificando: No dia 10 de Novembro, quando de manhã se dirigia em serviço para a Estação dos CTT local, o carteiro Sr. José Ferreira da Conceição caiu da motorizada em que se deslocava e sofreu graves contusões no rosto, próximo do novo quartel dos B. V., em construção.

Depois de receber os primeiros tratamentos, foi conduzido numa ambulância ao Hospital de Coimbra, onde já regressou a sua casa, na Carvalheira Pequena, livre de perigo.

ALTARDO — Na tarde do dia 10 de Novembro, quando acabava de lavar o quintal, por grande azar voltou-se o tractor e ficou por debaixo dele o Sr. Custódio Nunes Luzia, de 70 anos, pai do nosso assinante Sr. Manuel David Nunes Luzia. Sofreu fractura de quatro costelas e graves contusões, ficando sem fala. Foi imediatamente conduzido ao Hospital de Coimbra, onde ficou internado, com sensíveis melhoras.

— No dia 9 de Dezembro, o Sr. José Joaquim, de 83 anos de idade, sentindo-se mal de saúde, já pela 6.ª vez num não longo espaço de tempo, recolheu ao Hospital da Universidade de Coimbra para receber tratamentos apropriados à sua doença. É seu médico assistente e dedicado o Sr. Dr. Fernando Plácido.

Os nossos votos de rápidas melhoras.

VILA FACAIA — No dia 25 de Novembro realizou-se a tradicional feira de Santa Catarina. Esteve bom tempo e a feira esteve muito animada, com muitas transacções.

MALAPOSTA — Assaltantes roubaram na fábrica de motorizadas «Sachs», junto à estrada nacional n.º 1, artigos numerosos, no valor superior a 10 000 contos.

FERNANDO BRANCO

MÉDICO

Telefone 52216

Consultas:

De 2.ª a 6.ª-feira, das 11.30 às 19 horas.

Sábados: das 9 às 15 horas.

3260 Figueiró dos Vinhos

Semana Santa em Pedrógão Grande



Os sacerdotes de alva e estolão preto, conduziam o Andor do Senhor Morto.

Era assim a Semana Santa em Pedrógão Grande.

As inundações

Em Cascais, Setúbal, Alenquer, Oeiras, Torres Vedras, Odivelas, Santarém, Mafra, Castelo Branco, cidade de Lisboa e noutros pontos do País caíram trombas de água durante dias e noites seguidos, a partir da noite do dia 16 de Novembro, causando enormes prejuízos, superiores a seis milhões de contos.

Contaram-se 11 mortos, 10 desaparecidos e mais de mil desalojados.

Havia 100 anos que não se registavam cheias tão grandes no País.

Trespasa-se

Trespasa-se o Café-Restaurante, de muita clientela, à frente da Repartição de Finanças.

Trata Domingos Jesus Simões — Pedrógão Grande.

Ao Divino Espírito Santo

Agradeço ao Divino Espírito Santo, ao Sagrado Coração de Jesus e Menino Jesus uma graça pedida e recebida.

O. F. E.

Futebol

Pedrógão Grande venceu Cabaços por 2-1; com Almagreira empatou por 1-1; venceu Ramalhais por 2-1.

VENDE-SE

Casa de habitação e anexos, com quintal, em Altardo, que foram de Glória Fernandes.

Trata Almerindo Fernandes David Pires.

ATENÇÃO

Se tem a sua arca congeladora ou o seu frigorífico avariados, não tenha problemas. Contacte com JOSÉ VIOLA — Valongo, Pedrógão Grande.

VENDEM-SE

Casa de habitação e anexos. Prédio de aviário, de 100 m2 com loja. Terras de amanhadio de rega e cantarias, com eucaliptos, na Bouça da Figueira, à beira da Estrada Nacional, limites de Figueiró dos Vinhos.

Trata Maria da Encarnação.

SENHOR EMIGRANTE

Não deite fora o seu ouro de uso pessoal por julgar que já nada vale.

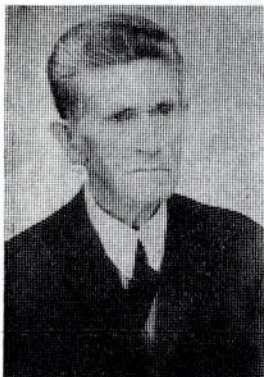
Compramos por bom preço...

Pelos de elefante a 50 000 cada.

Compramos qualquer moeda de ouro ou prata pelo melhor preço.

Ourivesaria Lourenço — Telef. 52105 — Figueiró dos Vinhos.

Falecimento



Em Aldeia de Avis, Figueiró dos Vinhos, faleceu no dia 11 de Novembro o sr. Dionísio Mendes, de 84 anos, viúvo, pai do nosso assinante, sr. Américo de Jesus Mendes, casado com a sr.ª Maria Augusta da Conceição Almeida.

Era avô das senhoras Maria Emília da Conceição Almeida Mendes, casada com o sr. Manuel Marques Henriques e Maria Alice da Conceição Almeida Mendes, casada com o sr. Isidro Jorge Lopes.

A família agradece a todos os que o acompanharam à sua última morada.

A VERDADE SOBRE O "25 DE ABRIL"

Continuação da pág. 1

militarmente Portugal no Ultramar, a União Soviética promoveu esse acordo, prometendo financiar a organização de um golpe de Estado em Lisboa, comprometendo-se o PC e o PS a conceder a «independência» imediata às Províncias Ultramarinas, entregando-as aos movimentos pró-soviéticos: PAIGC (Guiné e Cabo Verde), MPLA (Angola) e FRELIMO (Moçambique).

Sobre este Acordo, ver «Jornal de Economia e Finanças», n.ºs 357 e 392: «África — Vitória Traída», pelos generais Luz Cunha, Kaulza de Arriaga, Betencourt Rodrigues e Silvino Silvério Marques, pág. 27; «Angola — Os Vivos e os Mortos», de Pompílio Cruz, pág. 149; «A Rua», de 6.2.77, transcrição de uma notícia de Santana Mota, publicada no diário «O Estado de São Paulo»; «Não lhes perçais, Senhor, de Rebelo Cota; a página 28 diz que o tenebroso Rosa Coutinho e outros chacais do seu séquito executaram fielmente o plano gizado «em Moscovo, Paris e Lisboa.»

É sobretudo no opúsculo «Liquidação do Ultramar» («Jornal de Economia e Finanças», 1980) que o Acordo de Paris aparece mais estudado, nestes termos: «Nos princípios de 1973 ter-se-ia realizado, em Paris, uma conferência convocada pelo Partido Comunista, onde elementos heterogêneos da esquerda portuguesa se comprometeram a levar a cabo uma revolta em Portugal, o mais tardar em 1975. Estiveram presentes, além do PCP, convocante, a Acção Socialista Portuguesa, uma dezena de militares, católicos progressistas e representantes da maçonaria. Não era a primeira conferência ali realizada, com maior ou menor participação das chamadas esquerdas oposicionistas e mesmo de simples descontentes. Mas o facto do PC russo ter enviado uma pequena delegação, com instruções claras e poderes precisos para assumir compromissos financeiros, conferia-lhe particular importância.

A revista «Facts et Idées» que a chamada «Frente Portuguesa de Libertação» publicava em França, afirmou em Agosto de 1976 que, nessa conferência — para a qual teria sido convidada —, fora decidido o reforço da infiltração marxista nas forças militares portuguesas e elaborado um plano para intensificação do terrorismo nas províncias africanas.

O sucesso da revolução implicaria a instalação na Metrópole de um regime «democrático a caminho do socialismo» que poria termo à «Guerra Colonial». A independência da Guiné, Angola e Moçambique seria concedida aos movimentos

terroristas de obediência comunista, sem condições políticas e económicas nem indemnizações. Os colonos deveriam ser repatriados a expensas de Portugal.

«Embora nos meios políticos afectos à esquerda a Conferência de Paris tivesse tido ampla repercussão, a sua realização e o clausulado suscitaram interrogações a que nunca foi dada resposta convincente.

«Em primeiro lugar, para quê uma Conferência em Paris entre os PCs soviético e português? A linha de conduta dos comunistas portugueses foi sempre, fora de questão, mais na altura, se possível, do que hoje, fixada autoritariamente pelo Kremlin; a Acção Socialista Portuguesa não tinha qualquer implantação no país e os seus dirigentes careciam de prestígio. Nestas condições, para quê a Conferência? Teria sido convocada para provocar a presença e comprometimento de meia dúzia de militares e outros tantos ex-militares desertores que formavam o Grupo de Argel? Dir-se-ia gente desprezível de mais para justificar um tão grande interesse como então se afirmava ter-se verificado por

parte da delegação russa.

«Parecia mais fácil acreditar que Moscovo, com essa Conferência, procurasse obter cobertura civil a uma operação militar já em preparação e, provavelmente, em estudo mais adiantado do que então se julgava.

«Nos princípios de 1973 o interesse da Rússia pela sorte de Portugal metropolitano era restrito de mais para justificar a presença de uma delegação na Conferência de Paris. Só o Ultramar lhe interessava e só em função desse interesse as questões portuguesas vieram a ser tratadas por essa delegação.

«A guerra colonial ao tempo dominada em Angola, controlada em Moçambique e em condições de ser ganha na Guiné, podia terminar em meia dúzia de meses. Se assim acontecesse, Moscovo teria deixado perder uma rara oportunidade para se instalar em Angola e Moçambique sem levantar protestos internacionais. Na política portuguesa passaria a oportunidade para adquirir por um prato de lentilhas, a uma minoria ávida de honras e benesses, uma herança de quinhentos anos de história.

«O montante posto pela Rússia em Paris, à disposição da esquerda portuguesa para financiar a revolução, foi objecto de muitas conjecturas. Na altura, falou-se em cinquenta milhões de dólares; não parece, porém, que tão pouco chegasse para satisfazer tantos encargos, mesmo tendo em conta que as despesas com as tropas mercenárias cubanas desde logo ficaria assente serem pagas directamente por Moscovo.

«O Governo russo não estava interessado em economizar rublos e, naturalmente, menos ainda, em poupar copeks, pois ficou assente que o governo saído da revolução deveria pagar integralmente todos os dinheiros recebidos, o que fez com a compra de açúcar a Cuba a preços superiores aos do mercado internacional e, à Rússia, compra de madeira de pinho e sardinhas, e venda de vinho a dois escudos o litro e sapatos a cem escudos o par. Na guerra todas as economias são sempre dispendiosas. O que interessava ao Kremlin era levar os sectores democratas tradicionalistas da primeira República — ou pelo menos uma parte representativa —, a maçonaria e elementos progressistas católicos, tipo Capela do Rato, a alinhar com os socialistas e comunistas no apoio a um grupo de militares que se propusesse transferir a solução do problema ultramarino do plano militar para o plano político, onde o Kremlin estava seguro de poder impor os seus pontos de vista.

«Esse apoio, ainda que

fosse confuso e mal definido, teria acção decisiva no clima revolucionário que dominaria as semanas posteriores à eclosão do movimento militar. Com ele seria possível proceder a uma descolonização sem complicações «democráticas», passando as províncias ultramarinas directamente da soberania portuguesa, sem ouvir as populações, para o controlo de forças dependentes de Moscovo. Sobre tudo se os meios de comunicação fossem habilmente utilizados para desviar a atenção do país dos problemas africanos, onde o destino de Portugal estava em jogo, para ameaça de comunização imediata do quadrilátero europeu que Moscovo, na altura, não tinha, por certo, a menor intenção de levar a cabo.

«A partir da Conferência de Paris os acontecimentos pelos quais se traduziu a escalada da subversão no nosso país, sucederam-se em rápida cadência.

«Em Maio a Acção Socialista Portuguesa transformou-se no Partido Socialista, que desde logo se declarou «radicalmente anticolonialista», pronto a bater-se pelo «direito à autodeterminação dos povos coloniais». Em Setembro o PC e o PS subscreveram um comunicado em que afirmaram ser objectivo das forças «democráticas portuguesas» pôr termo à «guerra colonial» propondo imediatamente negociações com vista à independência dos povos de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique.» Entretanto em Julho formou-se o chamado «comitê dos capitães» que no Outono, tendo relegado para segundo plano as suas reivindicações iniciais, tinha dado aos seus objectivos um nítido cariz político, pretensamente democrático, mas, na realidade, de inspiração marxista.

«Os milhões de dólares do Kremlin não tinham caído em terra sáfara.»

(Continua)

Protesto do Clero do Arciprestado de Figueiró dos Vinhos, em 1883

Ex.^{ma} Rev.^{ma} Sr. Bispo Conde, D. Manuel Correia de Bastos Pina — Coimbra

Os Parochos e mais eclesiásticos do Arciprestado de Figueiró dos Vinhos não podem ser indiferentes à mágoa que de certo impressionou o coração de V. Ex.^a ao ter conhecimento das apreciações feitas pela imprensa acerca do discurso proferido na sessão solenne da Academia de S. Thomaz d'Aquino.

Ainda que a sua voz é fraca, não pode ella deixar de levantar-se protestando contra essas apreciações injustas e apaixonadas da imprensa.

As acusações feitas à orthodoxia da doutrina cathólica por V. Ex.^a exposta respondem por certo as Pastoraes que guardamos em nosso poder, e que são um thesouro de verdades e sabedoria.

São ellas um desmentido formal às palavras, que nem sempre recebem de todos a interpretação que lhe é própria.

Enquanto ao governo disciplinar da Diocese muito nos apraz tel-o seguido; porque d'elle resulta a harmonia de todo o clero com o seu Pastor, e o bem estar religioso e moral de todos os Diocesanos.

Firmes na crença cathólica e unidos pelos laços de veneração e respeito para com V. Ex.^a continuaremos cooperando com as nossas forças no desempenho da missão de que nós achamos encarregados, esquecendo sem-

pre quaesquer embaraços, que pretendam opor-nos à sua realização, Digne-se V. Ex.^a aceitar os protestos d'elevada consideração e respeito que todos espontaneamente lhe tributamos.

Figueiró dos Vinhos, 8 de Agosto de 1883.

O Arcipreste José A. Pimenta — O Coadjutor de Figueiró dos Vinhos, Diogo Pereira Baeta de Vasconcelos — O Parocho do Coentral, Serafim José Diniz Pereira — O Reitor de Castanheira, Manoel Joaquim Rodrigues Correia — O Coadjutor, José Correia — O Padre Marcelino Francisco Caetano Alves, — Padre Miguel Henriques Serrano, — O Parocho de Aguda, Abílio João de Mello Freire — O Parocho de Maças de D. Maria, José Francisco de Sousa Santhiago — O Parocho da Graça, Manoel Henriques David — O Parocho de Santa Catharina, António José Nunes — O Parocho de Pedrógão Grande, Manoel Joaquim do Amaral — O Coadjutor António dos Santos Campos e Castro — Padre Francisco Fernandes — Padre Manoel Lopes de Faria — Padre Joaquim de Pina Freire da Fonseca — O Parocho de Campelo, José Domingues Rosa — O Coadjutor de Aguda, João Lopes Teixeira». Ao todo 18 padres.

Já lá vão mais de cem anos!

Nessa altura, como se vê, pertenciam ao Arciprestado de Figueiró as freguesias de Aguda e Maças de D. Maria. E Arega?

CUMPRIMENTOS DE BOAS-FESTAS

O nosso assinante Sr. Fernando Simões David, esposa Marquitas e filhos enviaram-nos um lindo «Musical Greeting» com votos de Santas Festas do Natal e Ano Novo. Estão na África do Sul.

Recebemos também votos de Boas-Festas dos Srs. José Gonçalves, Vila Nova de Gaia; Albino Francisco, Sacavém; Artur das Neves e D. Florinda Nunes, Cubal; Artur Silva de Jesus e D. Arminda Nunes Fernandes, Sacavém.

Agradecemos e retribuimos.

OFERTAS PARA O LUSTRE DA IGREJA

Eduardo H. de Jesus, Matos, 500\$; Joaquim Maria Fonseca, Marinha, 500\$; D. Maria Eugénia Conceição B. Silva, Caneças, 300\$00.

Total 1 300\$00
Transporte: 2 700\$00

A Transportar 4 000\$00

Para a Nossa Senhora da Graça:

D. Isilda Carvalho Conceição Henriques, Lisboa, 400\$.
Bema hajam.

O NOSSO CORREIO

Desde 14 de Novembro até 13 de Dezembro de 1983, contribuíram para os fundos da **Voz da Graça** os seguintes srs. a quem muito agradecemos:

Com 2 500\$ — Sr. Amândio D. Canelas, Pedrógão;

Com 1 000\$ — D. Maria do Carmo Carreira de Azevedo, Santarém;

Com 800\$ — sr. Manuel de Jesus Antunes, Casal da Francisca;

Com 590\$ — D. Laura Rosa Nunes, Marinha.

Com 500\$ — Srs. Manuel Henriques Conceição, Figueiró dos Vinhos; Albino Francisco, Sacavém; Adelino Tomás, Sapateira; Vítor Manuel Conceição Santos, Colmeal; Henrique F. Marques, Pedrógão; Manuel Moreira H. Barata, Lisboa;

Com 490\$00 — Sr. Aníbal Conceição Simões, Aguda;

Com 430\$ — Sr. Manuel dos Santos, Graça;

Com 400\$ — Srs. Manuel da Costa Rosa, Outão; D. Mercedes do Carmo Graça, Brasil; Silvino da Conceição Inácio, França.

Com 300\$ — sr.ª D. Irene de Oliveira Rebelo, Pedrógão; sr. Vítor Manuel Carvalho Leitão, Póvoa de S. Iria.

Com 250\$ — Srs. Augusto Henriques, Ouzenda; Abílio Fernandes Henriques, Lisboa; Acácio Jesus Nunes, Pedrógão; António de Jesus Nunes Rufino, Pedrógão; D. Alice Serra David, Ouzenda; José Marques David, Lisboa; Manuel José, Corisco; D. Maria do Carmo Serra David, Lisboa; José Rodrigues Fernandes, Pesos; Mário Alves Coelho, Escalos do Meio.

Com 200\$ — Srs. Alfredo Mateus, Picha; D. Alice Maria Brás Henriques, Lisboa; Anímelim David, Ouzenda; Abílio Santos David, Frielas; António Fernandes Martins, Venda da Galita; António Barreto Afonso, Pedrógão; António Moreira Nunes Barreto, Derreada; Abílio dos Santos Pires, Pedrógão; Manuel Bernardo, Louriceira; D. Maria Trindade, Pedrógão; Gabriel Conceição do Carmo, Carvalheira Pequena; José Carvalho, Figueiró; José da Conceição Simões, Figueiró; Américo Conceição Duarte, Sacavém;

José Gonçalves, Vila Nova de Gaia; Manuel Clemente Antunes das Neves, Amoreira; D. Maria de Lurdes Gonçalves Antunes, Mosteiro; Aires da Silva, Cartaxo; José L. de Carvalho, Casal da Francisca; Arnaldo das Neves Pedroso, Lisboa; António Coelho Marques, Soure; D. Maria do Carmo Almeida, Castanheira de Pera; José Alves Henriques Eiras, Pinheiro Bolim; Amaro Marques Henriques, Pevide; Abílio Pereira Lopes, Lisboa; Valdemar Vicente Pereira, Lisboa; Manuel Nunes Lopes, Pedrógão; António Conceição Mendes, Pombal; José Ferreira, Vila Facaia; José Nunes Coelho, Atalaia Fundeira; Antur Coelho, Escalos do Meio; José da Silva, Nodeirinho; D. América David Correia Morgado, Loures; Augusto Santos Rodrigues, Pedrógão; Albino João Coelho Nunes, Agria; Amadeu Luís Pereira, Troviscais; Américo Pinto da Silva, Troviscais Cimeiros; Adrião Lopes Graça, Altardo.

930\$00 — de vários anónimos.

SÃO MANUEL

Continuação da pág. 1

missão importante: uma embaixada ao imperador Juliano, o apóstata, que se encontrava em Constantinopla, para tratados de paz e amizade. Corria o ano de 362, quando S. Manuel e os dois irmãos chegaram a Constantinopla para desempenho da sua missão. Juliano recebeu-os bem e mandou-os hospedar no palácio e que fossem tratados com honras reais. Mas nestas aparências ia oculto um fim sinistro: fazê-los apostatar da fé que professavam. Para isso, ordenou que se fizessem umas festas ao deus Trígono, no templo de Calcedónia. Para ali partiu, acompanhado de toda a sua corte, indo também na sua comitiva Manuel, Sabel e Ismael. Chegando ao templo, estes não quiseram entrar, para não sacrificar aos

ídolos. Logo foram presos por ordem de Juliano, e no dia seguinte levados à sua presença.

Como não conseguiu nada deles, todo irritado mandou que os despissem, e fossem açoitados por quatro robustos algozes com varas e correias. Todo o corpo lhes ficou em chaga. Os três santos mártires, com serenidade e os olhos no Céu, ofereciam ao Senhor os tormentos que suportavam, e davam-lhe graças por serem dignos de padecer por Cristo.

Perante a paciência e constância heróica dos mártires, Juliano ficou mais enfurecido e mandou que os pendurassem em madeiros, lhes cravassem as mãos e os pés, e lhes rasgassem as carnes. No auge de tanto sofrimento, apareceu-lhes um anjo que lhes abraçou as dores e os fortaleceu para levarem a cabo o seu martírio. Juliano mandou-os despregar dos madeiros e tentou de novo ganhá-los com palavras doces; mas S. Manuel respondeu-lhe com coragem e firmeza que nada conseguiria deles.

Ordenou o tirano que lhes chegassem fachos acesos aos lados, para lhes tornar mais lento e doloroso o martírio. Por último, perdida toda a esperança, mandou tirar-lhes a vida. A S. Manuel, o mais velho dos irmãos e o que mais o confundira, ordenou que lhe

fosse enterrado um cravo de ferro em cada ombro, atravessado outro dum ouvido ao outro, e cravadas agudas canas por todo o corpo; que, atado aos seus dois irmãos, o levassem a um monte próximo da cidade, e ali fossem decapitados, os seus corpos reduzidos a cinzas, e estas lançadas ao vento.

Chegados ao local do suplício, no monte Precipícios, onde se executavam os réus, levantaram os olhos ao Céu e fizeram ao Altíssimo uma linda oração. Desceu uma voz do Céu, a dizer aos três mártires e irmãos: «Vinde, meus filhos generosos e triunfadores, vinde para o reino que vos está preparado, vinde receber as coroas devidas à vossa vitória; esperam-vos os anjos e arcanjos.»

Foram decapitados. Mas surgiu um grande e espantoso tremor de terra que fez fugir os algozes horrorizados; o chão abriu-se e escondeu no seu seio os corpos dos gloriosos mártires. Dois dias depois, Deus revelou aos cristãos onde eles estavam. Foram-nos buscar, os ungiram com aromas preciosos e deram-lhes sepultura junto do sepulcro e templo do profeta Eliseu.

Juliano, mais tarde, foi morto num combate com os persas, uma seta disparada por mão invisível que lhe trespassou as costelas e penetrou no fígado. Exclamou: Venceste, Galileu, venceste.

Este Galileu era Jesus Cristo, que há-de vencer por todos os séculos dos séculos.

As Invasões Francesas

Continuação da pág. 1

Em Arganil, descobrindo um aleijado, todo encolhido, no fundo duma cova, nela o mataram desapiadadamente.

Na vila de Coja arrancaram a língua e moeram os queixos a um paralítico já velho.

Em Ansião arrastaram com os cavalos um paisano até ele expirar.

Na freguesia de Poiars esmagaram um homem tendo um inocentinho nos braços, atirando com este ao tronco dum carvalho.

Na freguesia de Pombeiro, depois de cortarem as mãos e o nariz a um pobre velho, e de o fazerem acarretar o cadáver de um francês, o mataram.

Em Vila Cova, o bacharel José Freire de Faria, padre de 49 anos, como fugisse estendido num carro por ser gotoso, os franceses o apearam e o obrigaram, a poder de golpes, que trepasse a pé uma ladeira, e no alto dela lhe esquarteram a coroa e lhe rasgaram o ventre, e ali mesmo despedaçaram o pai dele, a quem tinham obrigado a ser espectador de semelhantes barbaridades.

Em Coimbra, entraram pela Rua da Sofia..., espalham-se, entram nas casas, igrejas e conventos. Devassam tudo. Ai do infeliz, ai da desgraçada que não soube ou não pôde fugir e que lhes cai nas mãos. Roubam, quebram, devastam, incendiam... Arrombam à machadada as portas das igrejas e das capelas; penetram nos conventos; saqueiam os altares, derrubando as imagens para lhes arrancarem o ouro e a prata; quebram os sacrários e espalham sacrilegamente as partículas no chão; sobraçam os cálices de prata e de ouro, e os vasos sagrados; arrancam as pedras dos túmulos para despojar os cadáveres das jóias com que fossem seputados. Nas casas

picavam as paredes, levantavam os sobrados, arrancavam a madeira nos tectos, na esperança de encontrarem esconderijos onde os moradores foragidos tivessem guardado à última hora as riquezas que não houvessem podido transportar...

Depois do que fizeram em Coimbra, lançaram-se os franceses pelas povoações mais próximas a praticar iguais e piores excessos, como já tinham feito em toda a Beira, desde Almeida. Exterminavam os gados; destruíam as árvores e de preferência as oliveiras carregadas de azeitona; incendiavam povoações inteiras; desonravam as mulheres, até à vista dos maridos e dos pais, e depois matavam muitas delas; aos homens matavam-nos, sangravam-nos como porcos; arrancavam-lhes a pele e a carne, mutilavam-nos, queimavam-nos a fogo lento, esmagavam-lhes a cabeça e as partes mais sensíveis e delicadas do corpo, arrancavam-lhes as entranhas, moíam-lhes os queixos. Não houve barbaridade, por mais estúpida e cruel, que os franceses não praticassem.

Pelo que toca à freguesia da Graça, nada conhecemos por enquanto quanto a escritos. Porém de tradição sabemos que os militares franceses invasores passaram pelas Atalaia e outros lugares, pilhando o que encontravam pelas casas de habitação e espancando os seus habitantes. Numa casa situada onde hoje existe a casa do Sr. João da Conceição Simões, o João de Altardo, foi encontrado a comer mel um soldado francês pelos habitantes que à noitinha regressavam dos trabalhos agrícolas. Os outros tinham andado para a frente e só ele ficara para trás. Cheirava-lhe a mel. Diz-se que foi morto pelo povo e enterrado no adro da Capela.

Também se diz que no lugar da Pereira foi apanhado um outro e amarrado ao tronco duma sobreira, molestado até morrer.

Foi tal o terror que deixaram por onde passaram que as mães, quando queriam fazer calar os filhos, diziam: Aí vêm os franceses!

POR CORTES DE ÁLVARES

Na tardinha do dia 14 de Novembro, um «jeep» em que seguiam o Sr. António da Silva de Jesus Antunes, do Casal da Francisca, e mais quatro homens, foi arremessado para uma ribanceira por um camião que vinha em sentido contrário, cujo motorista lhes não prestou socorro e fugiu. Mas providencialmente ficou no local do acidente a matrícula do camião e só assim foi possível identificar o fugitivo que está a contas com a Justiça pelos graves ferimentos que sofreram as vítimas.

CONTRA O CANCRO

O pedido contra o cancro, feito no concelho de Pedrógão Grande pelo Grupo de Apoio à Liga Portuguesa rendeu 50 220\$00.

No dia 4 de Dezembro realizou-se nesta sede de freguesia da Graça, uma sessão de esclarecimento sobre o terrível flagelo do Cancro, pela Liga Portuguesa.

Compareceu muita gente.

ANUAL DA IGREJA

Pagaram o Anual à Igreja os srs.: D. Maria Rosa da Silva Simões, Carvalheira Pequena; Augusto Antunes da Silva, Altardo; Manuel de Jesus das Neves, Graça; Manuel Santos Oliveira, Casal dos Ferreiros; Sebastião Nunes David, Carvalheira Pequena; Manuel Mártires, Outão; Adrião Lopes Graça, Altardo; José Nunes Coelho, Atalaia Fundeira; José da Silva, Noeirinho;